



## MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: ESTUDO DE CASO EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR.

<sup>1</sup>Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães

<sup>2</sup>Adriana Leonidas de Oliveira

### RESUMO

A atividade empreendedora, a partir de meados do século passado, passou a ser considerada essencial para a geração de riquezas de um país. O Brasil é considerado um dos países mais empreendedores do mundo, no entanto um dos grandes problemas é o elevado índice de mortalidade das empresas. A educação empreendedora pode assumir a relevante função de motivar, contribuir e apoiar as iniciativas que fomentem o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, colaborando para a iniciação e manutenção de negócios provavelmente mais propensos ao sucesso. Partindo destas considerações, este estudo tem por objetivo identificar, descrever e analisar a formação para o empreendedorismo em uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, por meio do projeto pedagógico e da percepção de seus alunos e coordenadores. Foi realizado um estudo de campo, desenvolvido por meio de análise documental e estudo de caso. A pesquisa foi realizada com 74 alunos matriculados nos 5<sup>o</sup> e 6<sup>o</sup> semestres dos cursos oferecidos pela Instituição, pois estes já se encontravam na fase final do programa de graduação. Participaram também, três coordenadores de curso da Instituição. Como resultado, pode-se observar a convergência das percepções dos Coordenadores de Curso e do Corpo Discente no que tange ao conceito e à importância do empreendedorismo, destacando-se a realização de um sonho, a possibilidade de criação de empresas e a atividade empreendedora como um potencial do ser humano. Além disso, foi possível detectar que 74% dos alunos pesquisados desejam empreender, reforçando a noção de que a população brasileira possui “vocação” para o empreendedorismo. Com relação à Instituição, foi possível notar ações que permitem a prática do empreendedorismo e o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em seus alunos, o que mostra a preocupação da Instituição com a formação de profissionais capacitados para atuar frente aos desafios do século XXI.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté. Especialista em Gestão de Pessoas pela UNISAL/SP. Professora na Fatec Guaratinguetá.

<sup>2</sup> Mestrado e Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutorado em Administração de Empresas pela EAESP-FGV. Diretora do Departamento de Psicologia. Professora no Programa de Pós-Graduação em Administração (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional/Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional).

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Regional. Ensino Superior Tecnológico. Formação Empreendedora. Empreendedorismo.

## **TRAINING FOR ENTREPRENEURSHIP: ANALYSIS OF SYLLABUS OF COURSES OFFERED BY A PUBLIC INSTITUTION OF TECHNOLOGICAL HIGHER EDUCATION**

### **ABSTRACT**

Entrepreneurial activity, starting in the middle of the last century, came to be considered essential for the generation of wealth of a country. Brazil is considered one of the most entrepreneurial countries in the world, however a major problem is the high mortality rate of the companies. Entrepreneurial education can assume the relevant function of motivating, contributing and supporting initiatives that foster the development of entrepreneurial skills, helping to initiate and maintain businesses that are probably more prone to success. Based on these considerations, this study aims to identify, describe and analyze training for entrepreneurship in a Public Institution of Higher Education Technological, through the education program and the perception of its students and coordinators. A field study was carried out, developed through documentary analysis and case study. The research was carried out with 74 students enrolled in the 5th and 6th semesters of the courses offered by the Institution, since they were already in the final phase of the undergraduate program. Three course coordinators from the Institution also took part. As a result, one can observe the convergence of the perceptions of the Course Coordinators and the Student Body regarding the concept and importance of entrepreneurship, highlighting the realization of a dream, the possibility of creation of companies and the entrepreneurial activity as a potential of the human being. In addition, it was possible to detect that 74% of the students surveyed wish to undertake, reinforcing the notion that the Brazilian population has a "vocation" for entrepreneurship. With regard to the Institution, it was possible to note actions that allow the practice of entrepreneurship and the development of entrepreneurial skills in its students, which shows the Institution's concern with the development of qualified professionals to act in the face of the challenges of the 21st century.

**Keywords:** Regional Development. Technological Higher Education. Entrepreneurship Education. Entrepreneurship.

### **Introdução**

Com a criação das primeiras escolas europeias, na Idade Média, surge a mobilidade acadêmica internacional. As escolas, chamadas de *Universitas*,

tinham em seu quadro professores e estudantes de diferentes regiões e países, bem como comunidades internacionais que se reuniam em busca do conhecimento (STALLIVIERI, 2004). Atualmente a mobilidade acadêmica aparece no contexto da Educação Superior e cresce nos últimos anos motivada pela aproximação entre os países e entre as culturas. Torna-se mais uma estratégia adotada pelas Instituições como contribuição na formação do cidadão mundial.

O artigo tem como objetivo analisar a experiência de mobilidade internacional de alunos do Ensino Superior Público e também o papel da instituição na construção dessa experiência.

Às instituições de ensino superior cabe o papel de formar cidadãos que serão atores ativos no desenvolvimento do país, além da responsabilidade de funções como pesquisa, inovação, ensino, formação e cooperação internacional. Muitas instituições, repensando seu papel no contexto global, por meio da mobilidade acadêmica internacional, buscam a inserção de seus alunos nesse novo contexto de ensino superior, momento em que fronteiras significam apenas delimitações geográficas.

No Brasil, embora ainda em fase inicial, tem-se acentuado a internacionalização do ensino superior, na busca por proporcionar a seus alunos, professores e gestores uma experiência no exterior. Muitas famílias buscam proporcionar aos seus filhos a experiência internacional, assim como profissionais de diversas áreas vão ao exterior em busca de conhecimento/formação e atualização profissional. Espera-se que, após uma estadia no exterior o indivíduo retorne munido de ferramentas profissionais, acadêmicas e pessoais, suficientes para ter uma carreira de sucesso no país de origem e contribuir para o seu desenvolvimento.

Para contextualizar o tema, o referencial teórico aborda o ensino superior e o seu papel no desenvolvimento do país e da região, o histórico da mobilidade acadêmica internacional, assim como o impacto da experiência na vida profissional dos indivíduos. Ainda no referencial teórico, contextualiza-se o ensino superior tecnológico e caracterizam-se os processos de mobilidade acadêmica internacional nas instituições pesquisadas. Como unidades de análise foram estudadas duas Instituições Públicas de Ensino Superior, no Vale do Paraíba, nas cidades de Guaratinguetá e Cruzeiro. Foram entrevistados oito alunos que participaram do processo de mobilidade acadêmica em ambas as instituições e dois gestores institucionais envolvidos com os processos. Para análise dos dados obtidos foram utilizadas técnicas qualitativas do método de análise de conteúdo.

Estudar mobilidade acadêmica internacional em instituições públicas de ensino superior se faz relevante, diante do fato de ser uma situação relativamente nova para muitas instituições e muitos alunos. Torna-se necessária uma reflexão sobre os contributos dessa experiência para os alunos e sobre o posicionamento da instituição de ensino nesta experiência.

## Desenvolvimento Regional, Ensino Superior e a Internacionalização

O desenvolvimento econômico tem sido fonte de debates mundiais, considerando-se dentre muitos aspectos o avanço tecnológico e os conceitos de sustentabilidade.

O desenvolvimento, para Sen (2000), pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. O autor ressalta ainda que o desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade, que são a pobreza, a tirania, a carência de oportunidades econômicas e a negligência dos serviços públicos.

Os termos desenvolvimento econômico e crescimento econômico, utilizados constantemente pela mídia e na área política, muitas vezes são empregados como sinônimos, mas cabe ressaltar a diferença entre suas definições.

Embora exista uma semelhança de significados entre crescimento e desenvolvimento econômico, “crescer pode ser melhor quantificado enquanto desenvolver envolve conceitos mais subjetivos da vida humana, mais difíceis de quantificar” (VIEIRA, 2010, p.2). Analisando os conceitos, percebe-se que o crescimento econômico é fator determinante para o desenvolvimento, pois impacta diretamente na vida das pessoas, um conceito complementa o outro.

O crescimento econômico é o aumento da capacidade produtiva da economia, definido basicamente pelo índice Produto Nacional Bruto (PNB). O PNB “é o valor agregado de todos os bens e serviços resultantes da mobilização de recursos nacionais, independente do território econômico em que esses recursos foram produzidos” (SANDRONI, 1999, p. 475).

O crescimento da força de trabalho, a produção de bens e serviços de determinado país, caracteriza seu crescimento econômico. Já desenvolvimento econômico, de acordo com o mesmo autor, é o crescimento econômico acompanhado pela melhoria na qualidade de vida da população.

Para Kugelmas (2007, p. 8), “o crescimento é condição necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento pleno propriamente dito”.

Oliveira (2002) reflete sobre o desenvolvimento e afirma que é preciso um novo cenário que favoreça a população como um todo e não apenas parte dela, ou pequenos grupos sociais, buscando qualidade de vida, e qualidade de vida para todos, significa uma economia mais justa, com um governo mais justo, a democratização do ensino de qualidade e a oportunidade de desenvolvimento profissional.

De acordo com o Relatório para UNESCO, *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization*, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (2006), o ensino superior é um dos polos da educação ao longo de toda a vida. São as universidades que absorvem toda a responsabilidade de funções como pesquisa, inovação, ensino, formação e cooperação internacional. Além de formar dirigentes, intelectuais, políticos,

diretores e professores, formadores de opinião, pessoas que cuidarão e influenciarão diretamente no processo evolutivo do país.

[...] verifica-se que se dá uma importância cada vez maior aos investimentos ditos imateriais, como a formação, à medida que a “revolução da inteligência” produz os seus efeitos. A formação permanente de mão-de-obra adquire, então, a dimensão de um investimento estratégico que implica a mobilização de vários tipos de atores: além dos sistemas educativos, formadores privados, empregadores e representantes dos trabalhadores estão convocados de modo especial (UNESCO, 2006, p. 71).

De acordo com publicação da OECD - *Organization for Economic Cooperation and Development* (2011), as instituições de ensino superior podem contribuir para o desenvolvimento do capital humano em suas regiões de diferentes maneiras dentre elas:

- Atraindo talentos para região, incluindo estudantes, corpo docente altamente qualificado e pesquisadores;
- Produzindo graduados com conhecimentos e habilidades relevantes para a economia da região;
- Contribuindo para o desenvolvimento de uma economia que vai empregar, reter e atrair graduados.

A educação superior torna-se um dos pontos determinantes de incentivo ao desenvolvimento, pois promove constantemente a qualificação e o crescimento científico do país. Assim, com o objetivo de oferecer aos alunos a oportunidade de vivenciar culturas estrangeiras e se inserirem no mundo da pesquisa científica, as instituições investem em parcerias internacionais com outras universidades.

De acordo com Ferrer (2012), a consciência dos problemas existentes e a vontade superá-los está impulsionando a busca de sinergia, para assegurar o desenvolvimento futuro dos países.

Segundo Stallivieri (2004), a internacionalização das instituições de ensino superior, por meio das diferentes formas de cooperação, tem sido gatilho para melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa que, unidos, criam condições para o desenvolvimento dos países e para o incremento da qualidade de vida das populações.

O termo *cooperação* ou *colaboração* evoluiu desde a Segunda Guerra Mundial, e passou a substituir a palavra *aliança*, mais usada para descrever as formas de parcerias estabelecidas inicialmente. Como a própria palavra diz, *cooperação* significa *co-operar*, ou seja,

operar em conjunto, ou ainda, a ação de trabalhar conjuntamente com outros (STALLIVIERI, 2004, p.25).

Muito mais que discussões políticas, econômicas, parcerias de mercado, almeja-se a cooperação baseada na solidariedade, no desenvolvimento de uma cultura focada na troca de conhecimentos, vivências e experiências que sejam responsáveis pelo crescimento dos países em desenvolvimento.

No Brasil, embora ainda em fase inicial, tem-se acentuado a internacionalização do ensino superior, as instituições buscam proporcionar a seus alunos, professores e gestores uma experiência no exterior, o que segundo Stallivieri (2004), faz com que a instituição abra suas portas para se tornar conhecida, apreciada e respeitada, conquistando seu espaço diante dos panoramas nacional e internacional.

Destacando a frase de Stallivieri, “o conhecimento não tem nacionalidade” (STALLIVIERI, 2004, p. 40), ressalta-se que a crescente busca por conhecimento ultrapassa fronteiras e o país que mais valoriza essa competência consegue atrair e reter pesquisadores e estudantes detentores desse conhecimento.

É fato que a globalização citada por diversos autores, a exemplo de Rolim e Serra (2009) e Mazza (2009), como a grande causadora de mudanças traçou um novo mapa econômico para o mundo, os problemas não podem ser resolvidos da mesma maneira, cada país tem formas específicas de promover seu desenvolvimento.

É importante integrar o estudante na problemática mundial, de uma maneira não especializada ou fechada em disciplinas acadêmicas, “expandindo o conhecimento de forma que os problemas mundiais, os conceitos e definições trabalhados no âmbito planetário estejam ao alcance de todos” (GUIMARÃES, 2013, p.151).

### **A mobilidade Acadêmica Internacional**

Integrar os alunos ao mundo, possibilitando a eles a vivência intercultural, a expansão de seus conhecimentos, são experiências presenciadas por estudantes que participam de processos de mobilidade acadêmica internacional.

A mobilidade acadêmica está presente nas Universidades desde a Idade Média, com a criação das primeiras escolas europeias. Essas escolas, chamadas de *Universitas*, tinham em seu quadro professores e estudantes de diferentes regiões e países, bem como comunidades internacionais que se reuniam em busca do conhecimento.

Castro e Cabral Neto (2012) colocam como marco inicial do processo de internacionalização do ensino superior o período pós-segunda guerra mundial, quando os países visavam a reconstrução das nações destruídas e também

oferecer assistência para o desenvolvimento, por meio de acordos culturais e científicos, mobilidade estudantil e bolsas de capacitação.

Ainda de acordo com os autores Stockwell, Bengoetxea e Tauch (2011), em 1999 os países europeus firmaram a Declaração de Bolonha, que promoveu reformas educacionais necessárias para um sistema de educação superior mais competitivo, atrativo para estudantes e professores europeus e de outros continentes. A Declaração de Bolonha foi um marco para a educação europeia, que influencia outros países, servindo como base e consulta para estruturação de políticas educacionais.

Guimarães (2013) acrescenta que o intercâmbio cultural iniciado na Europa no século XX influenciou positivamente o comportamento acadêmico e fez as universidades buscarem a universalização de suas metodologias de ensino, bem como de suas grades curriculares, visando o incentivo à mobilidade acadêmica.

A União Europeia atua em um conjunto de programas inovadores, que proporcionam compartilhamento intelectual entre os países. Dentre eles é citado pelo Relatório para a UNESCO (2006), o programa ERASMUS; que foi o primeiro programa aplicado em nível europeu para favorecer tanto a mobilidade de estudantes, como a de professores e também a elaboração de novos cursos.

De acordo com o Relatório para a UNESCO (2006), em 1995 o ERASMUS foi incorporado ao programa SÓCRATES, que mais abrangente reúne todos os tipos e todos os níveis de ensino, baseado no princípio da “educação europeia para todos”.

Oliven (2002) afirma, quando se trata de Brasil, no período de colônia não havia Instituições de Ensino Superior em seu território até o início do século XIX, os estudantes da elite colonial portuguesa precisavam deslocar-se até a metrópole para graduarem-se. Na Universidade de Coimbra, graduaram-se 2.500 jovens nascidos no Brasil.

Focada mais no ensino, a Educação Superior foi crescendo no país e formando um ambiente com propósitos unificadores, abrigo várias visões de mundo, posições filosóficas, tendências científicas e políticas. O oferecimento de cursos foi diversificando-se cada vez mais, para atender a uma demanda de alunos cada vez mais diversificada também.

Considerando Stallivieri (2004), a partir do século XIX a Universidade contribui para as transformações tecnológicas, para a evolução dos meios de comunicação e começa a adequar seu foco para pesquisa, o que incentiva a mobilidade de pesquisadores em busca de novos conceitos, conhecimento e troca cultural com universidades de outros países.

Já Lima e Contel (2009) traçam um histórico da mobilidade acadêmica e suas motivações no Brasil, distribuindo a evolução do assunto em quatro períodos, iniciando nos anos 30 e detalhando a evolução dos processos no contexto universitário, conforme pode ser observado no Quadro 1.

PERÍODO	PROGRAMA DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA INTERNACIONAL	PROVEDORES	MOTIVAÇÃO
1º Período Anos 30 e 50	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Missões que traziam professores visitantes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Universidades estrangeiras e brasileiras</li> </ul>	Acadêmica: a) Fortalecimento do projeto acadêmico das universidades emergentes.
2º Período Anos 60 e 70	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Presença de consultores.</li> <li>• Concessão de bolsas de estudos para mestrado e doutorado no exterior.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agências nacionais e internacionais, Governo brasileiro, Universidades Estrangeiras, Instituições de Ensino Superior Privadas.</li> </ul>	Acadêmica Mercadológica: a) expansão e consolidação dos programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> b) incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas c) diferencial competitivo de algumas instituições ou de alguns cursos.
3º Período Anos 80 e 90	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de grupos de estudo e pesquisa em torno de temas de interesse compartilhado</li> <li>• Concessão de bolsas de estudos para realizar doutorado no exterior.</li> <li>• Ênfase na vinda de professores visitantes e na ida de estudantes para realização de poucas disciplinas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agências nacionais e internacionais e Governo brasileiro.</li> <li>• Universidades estrangeiras;</li> <li>• instituições de educação superior privadas.</li> </ul>	Acadêmica Mercadológica: a) expansão e consolidação dos programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i> . b) incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas. c) diferencial competitivo de algumas instituições ou de alguns cursos.



<p>4º Período Anos 2000 em diante</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de grupos de estudo e pesquisa em torno de temas estratégicos e de interesse partilhado.</li> <li>• Concessão de bolsas de estudos para realizar doutorado no exterior em áreas classificadas como estratégicas e sem tradição de pesquisa no País.</li> <li>• Ênfase na vinda de professores visitantes, na ida de estudantes para realização de poucas disciplinas.</li> <li>• Projetos de criação de universidades federais orientadas pela internacionalização ativa.</li> <li>• Comercialização de serviços educacionais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agências nacionais e internacionais</li> <li>• Governo brasileiro</li> <li>• Universidades estrangeiras</li> <li>• E instituições brasileiras de educação superior privadas</li> <li>• Corporações internacionais</li> <li>• Universidades corporativas</li> </ul>	<p>Acadêmica, Política, Econômica e Mercadológica:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Inserção internacional dos programas de pós-graduação <i>stricto sensu</i>.</li> <li>b) Incremento da pesquisa de ponta em áreas estratégicas.</li> <li>c) Integração regional de caráter inclusivo.</li> <li>d) Diferencial competitivo de algumas instituições ou de alguns cursos.</li> <li>e) Captação de estudantes.</li> </ul>
---------------------------------------	---	---	---

Quadro 1 – Períodos e motivações da mobilidade acadêmica no Brasil.

Fonte: Lima e Contel (2009, p. 4).

Conforme afirmam Castro e Cabral Neto (2012), a mobilidade acadêmica envolve uma série de processos e influencia no sistema produtivo e no cotidiano das pessoas, como no sistema de transporte, gestão dos espaços, interações espaciais. Não se trata só do deslocamento, mas sim de toda transformação que o processo exerce no meio social e cultural.

Considerando o Ministério do Turismo (2012), quando comparado a outros países em que a educação internacional já se apresenta mais intensamente, o Brasil ainda está em fase inicial, no que se refere ao turismo de intercâmbio.

O intercâmbio é uma experiência turística cultural e educacional, que proporciona viver com pessoas de países diferentes, com costumes diferentes. Requer uma mudança de visão, de comportamento, respeito a valores diferentes e administração de conflitos internos e inter-relacionais.

O autor Ferrer (2012) ressalta alguns pontos importantes para o aproveitamento da mobilidade acadêmica, como o reconhecimento para fins acadêmicos da estadia para pesquisa em universidades estrangeiras, também destaca os problemas que surgem quando se trata do reconhecimento de diplomas. Ele afirma ainda que não se trata de homogeneizar os ensinos superiores ou as titulações a que eles conduzem, mas adaptar mecanismos que impliquem o reconhecimento mútuo dos processos de certificação utilizados por diferentes países. Esta seria uma das formas de se estimular a mobilidade acadêmica, a cooperação internacional e a troca universal de conhecimento.

Stallivieri (2004) ressalta que esses desafios, como também a crescente valorização do conhecimento e do capital intelectual, a revolução da informação no mundo globalizado e as transformações nos meios de comunicação diante do crescimento tecnológico, conduzem a universidade a revisar e a atualizar as suas estratégias. A autora ressalta também a busca das instituições pela interação de estudantes em uma sociedade multicultural e internacional, por meio da integração de competências acadêmicas e profissionais.

Freitas (2009) acrescenta que se credita à escola o papel fundamental no desenvolvimento das novas gerações, a missão de despertar a curiosidade ao que é diferente, fazer com que os alunos se abram para o mundo. O intercâmbio cultural, é mais do que uma viagem de turismo, é uma experiência que promove envolvimento com outra cultura, o desenvolvimento da habilidade em lidar com as diferenças culturais e como se adaptar à nova realidade.

Considerando o IIE - *Institute of International Education* (2014), a falta de preparo do aluno para uma experiência internacional e um sistema de ensino novo e desafiador podem influenciar no seu nível de aproveitamento da experiência.

Finuras (2011) ressalta que a globalização traz como consequência uma maior aproximação entre diferentes sociedades humanas, culturas e valores. As pessoas estão mais próximas para conhecer estilos de vida diferentes, compreender os porquês dessas diferenças e acima de tudo, nos dias atuais, vivenciar outras culturas e modos de vida.

Essa aproximação entre instituições de diferentes partes do planeta proporciona também o estímulo e o desenvolvimento de novas formas de aprendizagem e de produzir, gerenciar e ampliar o conhecimento.

Considerando Morosini (2011), a produção conjunta de conhecimento é a forma mais elaborada de cooperação acadêmica. Via de regra, antes da realização dessa produção, é necessário que outros laços tenham sido

construídos para que existam equipes de ambos os lados para a realização de um projeto de pesquisa.

De acordo com Mariano (2008), mesmo sendo um investimento alto, sem garantia de retorno, pode mudar a vida de uma pessoa. A autora afirma ainda que ninguém volta de um intercâmbio com os mesmos pensamentos e que vivenciar e conhecer outras culturas pode ser algo transformador para o indivíduo. Ressalta ainda a diversidade de processos de intercâmbio existentes atualmente, para todas as idades, todos os desejos e objetivos, abrangendo desde adolescentes, executivos, professores a donas de casa, independente do período de permanência, um mês ou um ano, é oportunidade de portas abertas para todos.

Atualmente o *status* de se ter uma experiência internacional, seja profissional ou acadêmica, tem feito muitos profissionais e muitas famílias buscarem esse processo, esperando que após uma estadia no exterior o indivíduo retorne munido de ferramentas profissionais, acadêmicas e pessoais, suficientes para ter uma carreira de sucesso no país de origem.

No contexto de mobilidade acadêmica internacional, autores como Solanas, (2014) e pesquisas do IIE – *Institute of International Education* (2014) apontam uma troca de paradigmas da Internacionalização, afirmam que o estudo no exterior precisa ser redesenhado. Diferentes fatores colaboram para uma alteração na maneira como se pensa mobilidade acadêmica, atualmente pensa-se em termos de mobilidade de ideias, informações, oportunidades, instituições e programas de aprendizado.

As instituições de ensino superior estão atentando para o fato de que o limite de atuação da organização já não se restringe mais aos muros de concreto que as cercam. É preciso atuar em um mundo sem barreiras e os estudantes devem ser preparados para essa atuação também, sendo assim, encontrou-se na mobilidade acadêmica uma maneira de buscar a consolidação do ensino superior nesse novo contexto global.

## **O ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO**

O ensino superior tecnológico nasceu no Brasil em um período de grandes transformações e intensa industrialização, quando a tecnologia iniciava seu processo de expansão, na década de 1960 com a Lei Federal nº 5540/68, que foi chamada de reforma universitária de 68.

Nas décadas seguintes, ainda houve diversas discussões a respeito dos cursos tecnológicos, quanto a sua estruturação curricular, duração, se eram de graduação ou nível técnico. Algumas dessas dúvidas ainda permeiam as discussões sobre o assunto, principalmente a dúvida sobre a diferença entre ensino técnico e superior tecnológico. De acordo com o Parecer CNE/CES 436/2001, “Os cursos superiores de tecnologia parecem surgir como uma das principais respostas do setor educacional às necessidades e demandas da sociedade brasileira”.

De acordo com Lima, Santos Filho e Santos Filho (2008), o enfoque da educação profissional deve constituir na formação intelectual, profissional, social e política do jovem, preocupando-se em formar não só profissionais mas também agentes transformadores da realidade social. Essa nova realidade, que aos poucos se vai construindo, tende a reduzir consideravelmente o preconceito histórico, deixando de estar ligado ao conceito de ser apenas experiências de treinamento profissional.

Já Brandão (2006) discute em seu texto o fato de que profissionalizar não é o mesmo que educar, de um lado tem-se a formação sólida e conservadora para poucos e, de outro, para a grande maioria, uma formação de nível superior específica, voltada estreitamente para o mercado de trabalho. A autora leva em conta ainda a importância do acesso à educação para as classes trabalhadoras, mas chama a atenção para qual educação é esta e como atende distintamente aos interesses dos trabalhadores e da economia capitalista.

Se o ensino tecnológico surgiu como uma forma de inserção social dos menos favorecidos, menos pensantes e críticos, hoje ele ganha espaço na área acadêmica como fonte de inovação e conhecimento.

O debate em torno do desenvolvimento induz à reflexão sobre a representatividade do ensino tecnológico, considerando que a educação profissional e especializada prepara o indivíduo para atuar no mercado gerando capital monetário. Essa inserção no mercado significa melhora na renda, o que influi na circulação de capital e na economia, situação que transforma a condição social do indivíduo, melhorando-a.

Levando em conta as definições de desenvolvimento na voz de autores distintos, como Sen (2000), Martins (2004) e Oliveira (2002), percebe-se que não há certo ou errado, mas há a complementação mútua, em que o capital e o social são necessários para compor o desenvolvimento.

### **Os programas de Mobilidade Acadêmica Internacional nas Instituições pesquisadas**

As Instituições de Ensino Superior Tecnológico estudadas oferecem aos alunos algumas opções de programas para mobilidade acadêmica internacional:

**Programa de Intercâmbio Cultural** - programa próprio, que é administrado pelo Centro de Educação Tecnológica e distribuído às Unidades por ele mantidas, o Programa de Intercâmbio Cultural. De acordo com o Ofício Circular nº 17/2013 – GDS do Centro Paula Souza, o Programa oferece quatro semanas de curso intensivo de inglês em escolas internacionais, redes de ensino de idiomas.

**Programa Ciências sem Fronteiras** - uma iniciativa dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), e também das respectivas instituições de fomento – CNPQ, CAPES e Secretarias de Ensino Superior e Tecnológico do MEC.

**Fullbrighth** - segundo publicado no site da Fullbrighth (2014), oferece bolsas de estudos para estudantes de pós-graduação, professores e pesquisadores.

**Santander Universidades** - oferece algumas opções de mobilidade acadêmica para universidades conveniadas. De acordo com o site do Programa Santander Universidades (2014), são oferecidas algumas opções de intercâmbio, como o Programa Ibero-Americano, que tem como objetivo promover o intercâmbio acadêmico de estudantes de graduação entre universidades de 10 países da região Ibero-americana: Brasil, Argentina, Espanha, Chile, Colômbia, México, Peru, Portugal.

De acordo com a presente pesquisa, observou-se um histórico de crescente inserção da mobilidade acadêmica internacional nas instituições de ensino superior, fato que influencia diretamente no modo como as pessoas compreendem a experiência internacional.

Finuras (2011) afirma que a chave para a mudança e para o desenvolvimento das organizações, e também para o desenvolvimento econômico, social e político está nas pessoas.

### 3. MÉTODO

Para o desenvolvimento da dissertação foi realizada uma pesquisa de estudo de caso, a qual, segundo Yin (2001), é utilizada quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), o estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. Os autores ressaltam ainda que é uma categoria de investigação.

O assunto pesquisado, mobilidade acadêmica internacional, é contemporâneo e presente nas instituições e na vida de seus principais atores, alunos e professores, sendo assim, utilizar a pesquisa de estudo de caso foi de extrema relevância para melhor compreensão do tema. Este delineamento permite, conforme afirma Yin (2001), a investigação do fenômeno dentro de seu contexto da vida real, o que proporciona uma visão mais global e aprofundada.

A pesquisa de estudo de caso foi realizada em duas Instituições de Ensino Superior Tecnológico localizadas nas cidades Guaratinguetá e Cruzeiro, no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, o que Martins (2004) define como aquela pesquisa que privilegia a análise de microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais.

Foram utilizados como instrumento de coleta de dados documentos institucionais, análise dos programas de mobilidade acadêmica das instituições

estudadas; entrevistas semiestruturadas com gestores e alunos, buscando compreender os desafios e ações institucionais, bem como motivações e aprendizagens da mobilidade acadêmica para o aluno. A entrevista semiestruturada, segundo Prodanov e Freitas (2013), consiste na obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema.

Foi realizada uma análise qualitativa de conteúdo, que, segundo afirmação de Prodanov e Freitas (2013), esse processo é definido como uma sequência de atividades, que envolvem a redução dos dados, a sua categorização e sua interpretação.

Considerando Bardin (1979, p.31), a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Um instrumento caracterizado por conter uma “grande disparidade de formas”, podendo ser adaptado a um vasto campo de aplicação como a comunicação. A análise de conteúdo é um método “muito empírico, dependente do tipo de fala que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo”.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram realizadas entrevistas com gestores e alunos envolvidos nos processos de mobilidade acadêmica de duas Instituições Públicas de Ensino Superior Tecnológicas, situadas nas cidades de Guaratinguetá e Cruzeiro. Na entrevista com os gestores foram abordados temas como: internacionalização nas Instituições de Ensino Superior, processos de mobilidade acadêmica internacional, desafios e benefícios da mobilidade acadêmica internacional. Já na entrevista realizada com alunos foram abordados os temas: avaliação das experiências como intercambista, as dificuldades e os benefícios da participação em processo de mobilidade acadêmica.

Na análise das entrevistas com gestores, foram apresentadas as seguintes categorias e subcategorias:

<b>ANÁLISE ENTREVISTA COM GESTORES</b>		
<b>CATEGORIAS</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Internacionalização – Instituições de Ensino Superior	Processos	Apresenta-se a visão dos gestores sobre a internacionalização, quais processos acontecem nas instituições e suas percepções sobre esses processos.
	Estratégias	
	Grade Curricular	
Processo de Mobilidade Acadêmica Internacional	Estímulo à Mobilidade Acadêmica Internacional	Esta categoria revela, por meio de suas subcategorias, como as instituições de ensino desenvolvem o processo de mobilidade acadêmica.
	Preparação e acompanhamento do aluno	
	Atuação da Instituição no retorno do aluno	
Desafios em Mobilidade Acadêmica Internacional	Instituição	Esta categoria apresenta os desafios que enfrentam as instituições e os alunos e como se busca minimizar as dificuldades encontradas, visando desenvolver progressivamente a atuação das instituições em mobilidade acadêmica internacional.
	Alunos	
	Minimizar dificuldades e aprimorar atuação	
Benefícios da Mobilidade Acadêmica Internacional – visão do gestor	<b>Aluno:</b> Cultural Pessoal Profissional	Esta categoria apresenta o olhar do gestor, quanto aos benefícios de um processo de mobilidade acadêmica para os alunos e para a instituição. Na subcategoria alunos percebe-se a divisão em três aspectos de análise, benefícios em termos culturais, na vida pessoal e no âmbito profissional.
	Instituição	

Quadro 2 – Análise Entrevista com Gestores

Fonte: Elaborado pelos autores

Atualmente, a mobilidade acadêmica internacional ganha espaço nas faculdades e universidades e proporciona aos alunos uma vivência que para

muitos deles não seria possível se não fosse intermediada pela instituição de ensino.

Nas instituições pesquisadas, de acordo com as entrevistas realizadas com os gestores, percebe-se que há um movimento, mesmo que ainda inicial, em direção à internacionalização. Ressalta-se, na fala dos gestores participantes das entrevistas, que a busca por parcerias e pela internacionalização ainda encontra algumas barreiras, como as questões burocráticas.

Como foi afirmado por Guimarães (2013), é importante inserir o aluno no contexto mundial, possibilitando expandir seus conhecimentos sobre os problemas enfrentados pelo seu país e por outras nações.

De acordo com os gestores entrevistados, os processos de mobilidade acadêmica internacional ainda estão em fase inicial nas instituições e há a necessidade de maior disponibilidade de pessoas para gerenciar esses processos. Stallivieri (2004) ressalta a importância do entendimento pelas instituições, de que há a necessidade de reforçar e aperfeiçoar os processos que já existem, bem como acelerar o desenvolvimento de estratégias de internacionalização. Destaca-se que em vários momentos é mencionada pelos gestores essa necessidade de uma equipe focada na organização e no desenvolvimento de programas de mobilidade acadêmica internacional em ambas as instituições, o que é perceptível também na fala dos alunos, quando mencionam não haver uma orientação formal da instituição no preparo para a viagem e também após o retorno.

Outro ponto ressaltado nas entrevistas é a infraestrutura para acolher os processos de mobilidade acadêmica internacional, podendo assim também abrir oportunidades para alunos estrangeiros estudarem na instituição. Considera-se que, mediante todo estudo realizado, ter uma experiência internacional não necessariamente significa uma viagem para o exterior. O contato com pessoas de outros países, o receber, o acolher também são pontos importantes em processos de internacionalização nas instituições.

Morosini (2006, p.116) afirma que a “internacionalização é a marca das relações entre as Universidades” e que o “mundo está se movendo na direção de internacionalizar a educação superior usando energias da academia e respondendo às necessidades do mercado”. Freitas (2009, p. 250) acrescenta que a palavra “intercultural” está em destaque no mundo acadêmico “desde que o mundo tornou-se menor”.

Quando analisadas as entrevistas com alunos, verificou-se a seguinte divisão em categorias e subcategorias:



ANÁLISE DA ENTREVISTA COM ALUNOS		
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Avaliação das experiências e impressões	Impressões / Percepções	Esta categoria retrata as impressões que os jovens tiveram a respeito da vivência como alunos em outros países e como eles perceberam essa vivência. Busca relatar quais as experiências mais marcantes durante todo processo de mobilidade, como essas vivências e experiências refletiram na vida de cada um deles.
	O valor da experiência	
Dificuldades	Antes da viagem	Nesta categoria foram representadas todas as falas que ressaltam algum tipo de dificuldade enfrentada pelos intercambistas. Relatando as dificuldades encontradas desde o período de decisão, inscrição para o processo, até a preparação da documentação e das malas; <b>Durante a viagem</b> , como alimentação, estadia, comunicação, dentre outras.
	Durante a viagem	
Benefícios	Pessoais	Nesta categoria aborda-se os benefícios que a experiência trouxe para o aluno voltados para a vida pessoal e também o que acarretou de melhorias na vida profissional.
	Profissionais	

Quadro 3 – Análise Entrevista com Alunos

Fonte: Elaborado pelos autores

Nas entrevistas com os alunos participantes dos processos de mobilidade, observou-se que a vivência intercultural foi um dos aspectos mais relevantes em toda experiência. Houve benefícios pessoais como crescimento pessoal e amadurecimento, melhora na autoestima e confiança. Todos

ressaltaram uma mudança na visão de mundo, um entendimento melhor do contexto nacional em que vivem.

Neves e Norte (2009, p.4) afirmam que a efetividade de um processo de intercâmbio significa muito mais que a adaptação de currículos entre as instituições de ensino, eles ressaltam que “ter comportamento efetivo em um intercâmbio é simplesmente viver feliz e confortável e ter sucesso acadêmico em uma nova forma de cultura”. A efetividade de um processo de intercâmbio deve ser estendida e benéfica a todos os envolvidos.

Já no âmbito profissional, discutir o mercado de trabalho para esses jovens estudantes é pensar no desenvolvimento futuro do país, e a instituição de ensino tem as ferramentas necessárias para prepará-los para essa realidade. Um profissional encaminhado ao mercado de trabalho, com competências bem desenvolvidas e preparado para uma atuação responsável e produtiva, influencia consideravelmente no desenvolvimento regional. Dalcin (2011) afirma que a mobilidade é uma das formas mais relevantes para os indivíduos aperfeiçoarem sua empregabilidade e seu desenvolvimento pessoal, principalmente estudantes de nível superior.

Considerando também o relato de muitos alunos sobre a comparação entre os países o que resultou no crescimento do sentido de tolerância com o diferente e melhor entendimento dos problemas enfrentados pelo seu país, observa-se a possibilidade da construção de um cidadão muito mais ativo no desenvolvimento regional. Um cidadão que muda a sua visão de mundo e passa a enxergar diferentes soluções para a região em que vive.

Quando questionados sobre os benefícios profissionais, observam-se resultados interessantes para os alunos, visto que muitos se destacaram nos ambientes organizacionais devido à experiência internacional. Na atual realidade das organizações o encontro intercultural é inevitável, conviver com as diferenças faz parte do cotidiano, uma realidade cada vez mais presente também nas organizações de ensino.

Como afirma Botta (2013), o intercâmbio sugere também uma mudança interior que reflete no indivíduo que o realiza. Segundo o autor, a percepção da realidade local interfere diretamente na visão de mundo dos participantes. Essa ideia é complementada por Tomazzoni e Oliveira (2013), quando os autores ressaltam que o intercâmbio constitui-se em uma experiência turística, cultural e educacional.

O intercâmbio, ou qualquer processo de mobilidade acadêmica internacional que coloque um indivíduo em contato direto com uma cultura diferente da sua, representa um crescimento na sua formação cultural. Formação essa que possibilita, segundo Isse e Silva (2013, p.4), a vivência e o debate sobre diversidade cultural, as várias formas de se construir relações humanas, de “se produzir arte, ciência, política e educação”.

Os relatos de alguns participantes deixam claro que a vivência dessa diferença cultural foi muito relevante para que pudessem repensar, reconstruir as suas impressões sobre a própria cultura.

Freitas (2009) menciona a mobilidade acadêmica como “um novo capital social”, uma resposta às necessidades atuais de “entender, interagir e integrar pessoas, grupos, organizações e nações diferentes” (p. 257). Por isso, há a necessidade que as instituições de ensino preparem seus alunos para vivenciarem essa experiência, com eficácia, aproveitando todos os ensinamentos que ela pode oferecer. Tratar a mobilidade acadêmica apenas como uma viagem ou um passeio em um país estrangeiro é desconsiderar todas as oportunidades de crescimento que se pode ter.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Internacionalizar, buscar processos de mobilidade acadêmica, abrir as portas para o novo, para o diferente, são ações que as instituições precisam organizar, caso contrário, estarão fadadas a formarem apenas indivíduos com títulos sem essência.

O papel do ensino superior no desenvolvimento do país é de destaque e representa um dos principais influenciadores desse desenvolvimento, visto que é no ensino superior que os cidadãos são lapidados para atuarem na sociedade e no mercado de trabalho, promovendo o desenvolvimento.

A conscientização desse papel de destaque é inerente às organizações de ensino e faz parte dessa conscientização o preparo de indivíduos capazes de atuar em novo contexto mundial. Contexto esse, em que as fronteiras são derrubadas e o mundo é representado por uma população universal, formada por indivíduos que precisam aprender a conviver com as diferenças sociais, culturais e estruturais.

A internacionalização e a mobilidade acadêmica internacional especificamente devem fazer parte da vida da instituição de ensino. Assim como todos os processos burocráticos, todos os projetos em outras áreas, como empreendedorismo, inovação, tecnologia, por exemplo. É um recurso a ser incorporado na cultura da organização, iniciando pela gestão, professores e chegando aos alunos como parte integrante na sua formação acadêmica e humana.

Observou-se que o ensino superior representa ponto estratégico e decisivo para o desenvolvimento regional. Também que a mobilidade internacional está diretamente ligada a esse desenvolvimento, pois faz parte da formação de um cidadão mais crítico, atuante, e com uma visão mais ampla dos problemas. Assim, com essas competências desenvolvidas, o processo de construção de soluções para os problemas regionais se torna mais eficaz e efetivo.

Tanto gestores quanto alunos deixaram em suas falas a mensagem de que os processos de mobilidade acadêmica internacionais são pontos estratégicos de crescimento e desenvolvimento para alunos, professores,

instituições de ensino e para a região onde esses atores irão atuar e plantar as sementes colhidas com a experiência.

Também formulam a mensagem às instituições e organizações de que é necessário mais investimento, mais força de trabalho, mais dedicação e mais interesse para que efetivamente seja possível colher os frutos de um processo de mobilidade acadêmica internacional bem elaborado e executado em todos os âmbitos.

**Aprender, perceber, entender, conhecer, conseguir, experimentar** são alguns dos verbos utilizados pelos alunos entrevistados. Verbos que por si só possuem uma representatividade muito grande e quando empregados na vida de jovens, como os entrevistados, podem significar o crescimento de um cidadão, o desenvolvimento de uma região, a construção de uma vida.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Lisboa: Portugal, 1979.

BOTTA, L. R. P. Intercâmbio Cultural como complemento a Formação do Engenheiro. VI SIMPÓSIO MARINGAENSE DE ENGENHARIA DA PRODUÇÃO. 2013. Disponível

em:<<http://www.dep.uem.br/simepro/anais/index.php/simepro/>

6\_simepro/paper/view/48> Acesso em: 30/10/2014.

BRANDÃO, M. **Cursos Superiores de Tecnologia: Democratização do acesso ao ensino superior?** CEFET, UFF, Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT09-2018--Int.pdf>> Acesso em: 02/09/2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas**. 2012. Disponível

em:<<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/>

[turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_de\\_Estudos\\_e\\_Intercxmbio\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf)>. Acesso em: 14/12/2013.

\_\_\_\_\_. **Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior. Parecer 436/2001**. Cursos Superiores de Tecnologia – Formação de Tecnólogos. Distrito Federal, 2001.

CASTRO, A. A.; CABRAL NETO, A. O ensino Superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**. V. 21, p. 69-96. Lisboa, 2012. Disponível em:

<<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3082>>. Acesso em: 15/05/2013.

**CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS. Painel de Controle do Programa Ciências sem Fronteiras**. Apresenta informações sobre os processos para participação

do programa e dados informativos. Disponível em:

<<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>> Acesso em: 04/08/2014.

DALCIN, V. L. **A mobilidade dos estudantes universitários: contribuição para o desenvolvimento da interculturalidade.** 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa. 2011.

FERRER, A. T. La contribución de la movilidad académica a la construcción de un espacio iberoamericano de educación superior. **Revista Lusófona de Educação**, v. 21, p. 53-68. Lisboa, 2012. Disponível em:

<<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/about>> Acesso em: 17/06/2014.

FINURAS, P. **Gestão Intercultural.** Lisboa: Silabo, 2011.

FREITAS, M. S. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades? **O&S**, v. 16, n. 49, p. 247-264. Salvador, 2009.

FULLBRIGHT, **Comissão para Intercâmbio Educacional entre os Estados Unidos e o Brasil.** Apresenta informações sobre processos para participação do programa. Disponível em: <http://www.fullbright.org.br>. Acesso em: 30/05/2014.

GUIMARÃES, O. M. A globalização do conhecimento: uma análise da mobilidade estudantil internacional dos estudantes da UNESP – Câmpus de Franca. **Revista CAMINE: Caminhos da Educação**, v. 5, n. 2, p. 147-158. Franca, 2013.

GUIMARÃES, S. R. E. F.; TADEUCCI, M. de S.; OLIVEIRA, A. L. de. Estudo Bibliométrico em gestão intercultural, internacionalização e mobilidade acadêmica: foco no ensino superior. **Revista Janus**, n.17, p. 55-65, Lorena/SP, 2013.

IIE - INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION. **What will it take to double study abroad?** A “Green Paper” on the Big 11 Ideas from IIE’s Generation Study Abroad Think Tank. New York, 2014.

ISSE, S. F.; SILVA, O. D. B. Intercâmbio Cultural Univates-Brasil / Universidade Pedagógica Nacional-Colômbia: um relato de experiências da formação cultural de estudantes de cursos de licenciatura. **Caderno Pedagógico**, Lajeado, v.10, n2, p. 35-46, 2013. Disponível em:

<<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/viewFile/727/487>> Acesso em: 03/11/2014.

KUGELMAS, E. Revisitando o desenvolvimento. **RBS**, v.22, n.63. fev/2007. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100002) > Acesso em: 25/11/2013.

LIMA, S. E. de; SANTOS FILHO, S. dos; SANTOS FILHO, C. R. dos. **Os (des) caminhos da educação profissional e tecnológica no Estado de São Paulo**. Das raízes às reformas neoliberais: Aspectos históricos e reflexões políticas. São Paulo: Sinteps, 2008.

LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. Períodos e Motivações da Internacionalização da Educação Superior Brasileira. 5ÈME COLLOQUE DE L'IFBAE – Grenoble, 18 et 19 mai 2009.

MARTINS, H.H.T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.2, maio/ago. 2004, p.287-298.

MAZZA, D. Intercâmbios acadêmicos internacionais: Bolsas CAPES, CNPQ e FAPESP. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.137. p.521-547. maio/ago 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a10.pdf>> Acesso em: 28/05/2013.

MARIANO, F. **Intercâmbio aí vou eu!** Um guia completo para fazer intercâmbio em qualquer idade. São Paulo: Alaúde, 2008.

MARTINS, H.H.T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.2, maio/ago. 2004, p.287-298.

MOROSINI, M. C. **Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras**: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a05.pdf>>. Acesso em: 21/07/2013.

NEVES, A. M. C. das; NORTE, A. L. Internacionalização e mobilidade acadêmica: princípios e ações para o sucesso de uma parceria de intercâmbio acadêmico. IX COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL. Florianópolis, 2009.

OLIVEN, A. C. Histórico da Educação Superior no Brasil. In: SOARES, M. S. A. (Coord.). **Educação Superior no Brasil**. Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e no Caribe. IESALC – Unesco – Caracas. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://biblioteca.planejamento.gov.br/biblioteca-tematica-1/textos/educacao-cultura/texto-6-2013-a-educacao-superior-no-brasil.pdf>> Acesso em: 06/01/2014.

OLIVEIRA, G. B. de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista FAE**, Curitiba, v.5, n.2, p. 37-48, 2002. Disponível em: <<http://www.estig.ipbeja.pt/~sirb/crescimento%20e%20desenvolvimento%20texto.pdf>> Acesso em: 27/08/2013.

OECD - ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Higher Educacion in regional and city development**: Estate of Pará. 2011. Disponível em: <<http://www.oecd->

ilibrary.org/education/higher-education-in-regional-and-city-development-state-of-parana-brazil-2011\_9789264089020-en>. Acesso em: 20/06/2013.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PROGRAMA DE INTERCAMBIO CULTURAL. **Informações**. Disponível em: <<http://intercambio.fatgestao.org.br/inscricao/Instrucoes-Inscricoes-2013-2sem.pdf>>.

Acesso em 04/06/2013.

ROLIM, C; SERRA, M. Instituições de Ensino Superior e Desenvolvimento Regional: O caso da Região Norte do Paraná. **Revista de Economia**, v.35, n.3, p. 87-102. Editora UFPR, Paraná, 2009.

SANDRONI, P. (Org.). **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SANTANDER UNIVERSIDADES. **Programas de Bolsas**. Disponível em:<<http://www.santanderuniversidades.com.br/bolsas/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 27/07/2014.

SÃO PAULO (Estado). OFÍCIO CIRCULAR Nº 17 /2013– **Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza**, São Paulo, 14 de maio de 2013.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOLANAS, F. Intercâmbio cooperativo *versus* mercantilização competitiva: as políticas de mobilidade acadêmica no mercosul e na União Europeia. **Revista Iberoamericana de Educação Superior**, n.12, v.5, p 3-22, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S200728722014000100001&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S200728722014000100001&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 17/06/2014.

STALLIVIERI, L. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. 234 fl. 2009. Tese (Doutorado – Programa de Doutorado em Línguas Modernas da Universidade Del Salvador – Buenos Aires). Buenos Aires, 2009.

\_\_\_\_\_. **Estratégias de internacionalização das Universidades Brasileiras**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

STOCKWELL, N.; BENGOTXEA, E.; TAUCH, C. El Espacio Europeo de educación Superior y la promoción de la cooperación académica y de la movilidad con México. **Perfiles Educativos**, IISUE-UAM, vol. XXXIII, n.133, p. 198-205. Mexico, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=13219088012>> Acesso em: 17/06/2014.

TOMAZZONI, E. L.; OLIVEIRA, C.C. de. Turismo de intercâmbio: perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional.

**Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, v. 15, n.3, p.388-408. set-dez/2013. Disponível em: [www.univali.br/revistaturismo](http://www.univali.br/revistaturismo). Acesso em 12/11/2013.

UNESCO. Educação: Um tesouro a descobrir. In: **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC, 2006.

VIEIRA, E. T. Industrialização e políticas de desenvolvimento regional: o Vale do Paraíba Paulista na segunda metade do século XX. III CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EM HISTÓRIA ECONÔMICA & V ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA. Brasília, 23 e 24/set. 2010.

YIN, R. K. **Estudo de Caso** – Planejamento e Método. 2ª ed. São Paulo: Bookman, 2001.